

**CULTURA CIENTÍFICA NO BRASIL OITOCENTISTA:  
UMA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO  
NAS “CONFERÊNCIAS POPULARES DA GLÓRIA”**

*Urbano Cavalcante Filho (IFBA)*  
[urbano@ifba.edu.br](mailto:urbano@ifba.edu.br)

**RESUMO**

O objetivo deste artigo é discutir a importância da cultura científica no seio social brasileiro oitocentista, a partir da análise discursiva de uma importante prática de divulgação ocorrida nesse período no país. Do ponto de vista teórico, o estudo está respaldado nas reflexões advindas da chamada Análise Dialógica do Discurso, a partir das proposições do Círculo de Bakhtin. Do ponto de vista metodológico, a metalinguística bakhtiniana orienta a pesquisa a partir do método dialógico para a escolha do *corpus*. O empreendimento analítico se debruça sobre a conferência intitulada “O Positivismo”, proferida em 1876, mostrando como, discursivamente, o projeto de dizer do seu autor reflete e refrata a visão do fazer científico da época.

**Palavras-chave:**

Cultura científica. Círculo de Bakhtin. Divulgação da ciência.

**ABSTRACT**

The aim of this article is to discuss the importance of scientific culture in the 19<sup>th</sup> century Brazilian social environment, based on the discourse analysis of an important dissemination practice that occurred in this period in the country. From the theoretical point of view, the study is based on the reflections arising from the so-called Dialogical Discourse Analysis, from the propositions of Bakhtin’s Circle. From the methodological point of view, Bakhtinian metalinguistics guides the research from the dialogical method for the choice of the corpus. The analytical undertaking is focused on the conference entitled “The Positivism”, delivered in 1876, showing how, discursively, the project of saying of its author reflects and refracts the vision of the scientific practice of the time.

**Keywords:**

Bakhtin’s Circle. Scientific culture. Scientific dissemination.

**1. Introdução**

Partindo do pressuposto de que a ciência desempenha um papel importante na sociedade e que seus avanços contribuem para a melhoria e bem-estar dos sujeitos nas mais variadas esferas da vida, seja nos aspectos da alimentação, da tecnologia, da saúde, dentre outros, reforça a ideia de quão necessário é o desenvolvimento de uma cultura científica no seio social. De igual modo, a divulgação desses avanços científicos

contribuem para a consolidação desse fazer, bem como para o desenvolvimento dessa cultura.

Dentro desse universo da divulgação e da forma como a sociedade encara o fazer científico, desde suas origens até os dias atuais, o objetivo desse trabalho é, ao voltar seu olhar para o século XIX, discutir a importância da cultura científica no seio social ambientado no século XIX, a partir da análise de uma importante prática de divulgação ocorrida nesse período, as “Conferências Populares da Glória”.

Para isso, do ponto de vista teórico, nos aportamos nas reflexões advindas do Círculo de Bakhtin<sup>21</sup>, mais precisamente dos apontamentos que forjaram uma “teoria dialógica da linguagem”, ao pensar as questões da língua e do discurso em relação indissociável com as questões sócio-históricas e político-ideológicas de sua produção e circulação.

Do ponto de vista metodológico, o chamado *método dialógico*, advindo da Análise Dialógica do Discurso, como cunhou Brait (2005), e a *metalinguística* (Cf. BAKHTIN, 2002) orientam as análises, desde a escolha do enunciado para análise até o encaminhamento analítico. Assim, procedemos ao seguinte encaminhamento metodológico para a realização desse estudo: primeiramente, promovemos uma discussão sobre a temática da cultura científica; em segundo lugar, verticalizamos a discussão das práticas divulgativas no século XIX no Brasil para uma de suas importantes atividades, as “Conferências Populares da Glória”; em terceiro lugar, dentre as várias conferências ocorridas no Rio de Janeiro, escolhemos a conferência intitulada “O Positivismo”, proferida por Feliciano Pinheiro de Bittencourt, em 10 de setembro de 1876, para o empreendimento de uma análise dialógica de seu discurso, com o fito de demonstrar a reflexão e a refração da cultura científica brasileira nos seus oitocentos.

## **2. Cultura científica e a institucionalização da ciência no Brasil Oitocentista**

A ciência, enquanto construção humana, embora tenha como premissa natural direcionar-se à crescente especialização e isso a tenha

---

<sup>21</sup> Círculo de Bakhtin é a denominação dada pelos pesquisadores ao grupo de intelectuais russos que se reunia regularmente no período de 1919 a 1929, dentre os quais fizeram parte Mikhail M. Bakhtin, Valentin N. Volóchinov e Pável N. Medviédév. Bakhtin faleceu em 1975, Volóchinov, em 1936 e Medviédév, em 1938.

afastado dos aspectos da cultura geral, pelo fato de criar um conhecimento outro, chamado de científico, invade e de alguma forma influencia o *modus operandi* dos cidadãos na vida em sociedade. Esta influência pode manifestar-se das mais variadas maneiras: seja na forma de bens de consumo, seja através de tratamentos médicos, seja no desenvolvimento e sofisticação das técnicas produtivas e até através das teorias que dão suporte às discussões de ordem social, política, econômica, ambiental etc.

Grillo (2013), ao abordar a história da divulgação científica, afirma que o século XIX desempenha importância central para o entendimento do desenvolvimento e dos rumos atuais da divulgação científica. Em sua pesquisa, a autora menciona três conjuntos de fatores explicativos da comunicação científica. Primeiramente, a especialização do campo científico e o consequente esoterismo de sua linguagem levam à distinção entre os produtores de ciência e o público-leitor:

No início do século XIX, as sociedades científicas ainda eram gerais e, em suas sessões, eram discutidos trabalhos de todos os domínios científicos. No final desse século, a relação científica e a sua popularização começaram a se distanciar, ao mesmo tempo em que cresceram a profissionalização e a especialização do campo científico. Os ramos da ciência se consolidaram no decorrer do século XIX, provocando uma especialização da linguagem entre as diversas áreas e entre elas e a linguagem cotidiana. (GRILLO, 2013, p. 60)

Em segundo lugar, a imprensa se transforma em empresa lucrativa, regida por uma lógica comercial, que torna seus textos, assim como a divulgação neles contida, mercadorias. Nessa perspectiva histórica, Grillo (2013) nos mostra como a comunicação científica cresceu no século XIX, principalmente na Europa Ocidental e na América, em paralelo com o desenvolvimento da mídia de massa (*mass media*). Tomando a Inglaterra, França e os Estados Unidos como exemplo, a autora observa como a imprensa, na década de 1830, por meio de seus jornais de opinião, acabaram se tonando “jornais de negócios”, na medida em que a presença de anúncios publicitários assumindo o caráter de empresas lucrativas privadas.

Finalmente, argumenta a autora, a lógica positiva do progresso e a ideia de uma ciência popular têm um projeto ambicioso de instrução e educação, encorajado por intelectuais como Comte, que a concebem como um dos meios de emancipação popular. Refletindo sobre a expansão da divulgação científica no século XIX, apoiada pelos ideais positivistas, Bedin assevera:

Une autre différence essentielle tient à la nature même des découvertes scientifiques et au projet social qui les sous-tend. Au XX<sup>e</sup> siècle, les découvertes scientifiques étaient sans doute plus faciles à appréhender qu'aujourd'hui, elles avaient notamment le plus solvant des conséquences tangibles dans la vie de tous les jours (progrès de la médecine, découvertes technologiques applicables aux grandes industries...). Surtout, elles s'inscrivaient dans une logique positive de progrès. Aujourd'hui, les choses sont devenues plus complexes. De la découverte de l'atome aux dernières évolutions de la recherche en matière de biologie et de génétique, la science fait parfois plus peur qu'elle ne rassure. De plus, les grandes avancées de la recherche fondamentale paraissent de plus en plus complexes et déconnectées du réel. Tout cela rend la tâche de plus en plus ardue à ceux qui souhaitent transmettre les connaissances scientifiques au plus grand nombre. La vulgarisation n'est plus porteuse d'un projet social cohérent et optimiste.<sup>22</sup> (BEDIN, 1997, p. 261)

Portanto, foi na segunda metade do século XIX que a ciência, se assim podemos dizer, se institucionalizou e se firmou, em caráter internacional. Dentre os vários fatores que contribuíram para essa “institucionalização”, podemos citar a alteração do currículo escolar para inclusão do ensino de “ciências”, a partir do curso elementar; a multiplicação de publicações e revistas especializadas; a transformação dos centros de estudo em centros de pesquisa científica, entre outros. Nessa fase de institucionalização, observamos a rejeição das especulações falaciosas e fantasiosas pelo pensamento científico, ao optar por uma ciência pautada numa metodologia estritamente científica nos estudos dos fenômenos físicos, sociais e humanos. Afirma Rosa:

O conseqüente avanço extraordinário no conhecimento teórico-científico, de sua aplicação em benefício da Sociedade, a partir de novas e firmes bases, será um dos aspectos mais importantes do progresso do espírito humano, e, em definitivo, uma significativa marca da História Universal. (ROSA, 2012, p. 28)

---

<sup>22</sup> “Uma outra diferença essencial diz respeito à natureza das descobertas científicas e ao projeto social que as inspira. No século XX, as descobertas científicas foram sem dúvida mais fáceis de apreender que hoje, frequentemente, elas tinham conseqüências tangíveis na vida de todos os dias (progresso da medicina, descobertas tecnológicas aplicáveis às grandes indústrias...). Elas se inscreviam, sobretudo, em uma lógica positiva de progresso. Hoje, as coisas se tornaram mais complexas. Da descoberta do átomo às últimas evoluções da pesquisa em biologia e em genética, a ciência dá, às vezes, mais medo do que segurança. Além disso, os grandes avanços da pesquisa fundamental parecem cada vez mais complexos e desconectados do real. Tudo isso torna a tarefa cada vez mais árdua para os que querem transmitir os conhecimentos científicos ao maior número de pessoas. A vulgarização não é mais portadora de um projeto coerente e otimista”. (BEDIN, 1997, p. 261) (tradução nossa)

Com isso, portanto, os avanços no modo de viver dos sujeitos sociais foram viabilizados pelas contribuições que o desenvolvimento científico e tecnológico proporcionou às diversas camadas da sociedade, nas suas mais variadas esferas.

### **3. *Espaços de divulgação científica no século XIX: o caso das “Conferências Populares da Glória”***

Para alguns autores, há uma corrente de pensamento historiográfico que afirma que a existência de atividade científica no Brasil se deu apenas no século XX, com a criação das primeiras universidades. No entanto, conforme argumenta Grillo (2013, p. 73), a recente historiografia tem mostrado que havia atividade de divulgação científica no Brasil já no século XIX, tomando como elemento comprovador a fundação e o funcionamento de institutos de pesquisa.

Com esse argumento, podemos afirmar que a divulgação científica no Brasil Oitocentista ocorreu em diferentes espaços, dentre os quais podemos destacar livros, periódicos e jornais, instituições científicas e exposições, museus e conferências, como práticas divulgadoras da ciência desse período.

Por espaços de divulgação no século XIX, referimo-nos às instituições, conferências, cursos, exposições, revistas e jornais que tenham se dedicado às questões da socialização dos saberes científicos.

Para o propósito do presente trabalho, destacamos uma das atividades de divulgação científica de grande impacto na segunda metade do século XIX: as “Conferências Populares da Glória”. Tais conferências foram idealizadas pelo senador do Império Manoel Francisco Correia, com o fito principal de divulgar os conhecimentos científicos para a população, sob o a ideologia de que uma nação civilizada, para alcançar sucesso e ascensão, deveria ter ciência e acompanhar as “novidades e os avanços científicos”.

Assim, em 1873 foram inauguradas as “Conferências da Glória”. no Rio de Janeiro, que contava com grande parcela da elite intelectual da cidade para discutir assuntos considerados importantes e expostos por convidados igualmente considerados “preparados” para esse fim. Da gama variada de temas que foram objeto de preleção e discussão na tribuna da Glória, destacamos os que se voltavam à atualidade científica, filoso-

fia, instrução pública, história, literatura, educação, histórica das civilizações, biologia, ciências físicas, botânica, entre outros.<sup>23</sup>

Na seção seguinte, com o objetivo de exemplificar como um tema científico, tomado como objeto de exposição no projeto das conferências, se constituiu enunciativo-discursivamente, apresentamos uma análise discursiva, tomando como referência principal as reflexões da teoria dialógica da linguagem do chamado Círculo de Bakhtin.

#### **4. “O Positivismo”: a última palavra da ciência do século XIX?**

O positivismo é uma corrente de pensamento filosófico, surgido na França, mas que ganhou força na Europa no começo do século XIX, e em muito foi utilizada no pensamento social brasileiro. Essa corrente teve como finalidade propor uma sistematização das ciências experimentais. Ao valorizar as ciências experimentais, em detrimento das especulações metafísicas e teleológicas, essa teoria serviu como modelo de excelência do conhecimento humano. Para essa corrente, ao distanciar-se radicalmente da teologia e da metafísica, toma o conhecimento científico como a única forma de conhecimento válido e verdadeiro. Se algo não pode ser comprovado cientificamente, então não tem valor, como as crenças, o sobrenatural, a divindade. Para os positivistas, portanto, o progresso, o avanço da sociedade é dependente dos avanços científicos.

Figura: 1ª página da conferência “O Positivismo”.



Fonte: “Conferências populares”, v. 1, p. 41, 1876.

<sup>23</sup> Para mais detalhes dessa atividade de divulgação científica no século XIX, ver Cavalcante Filho (2015; 2017).

Proferida no ano de 1876, mais precisamente no dia 10 de setembro, a conferência a ser analisada neste artigo, intitulada “O Positivismo”<sup>24</sup>, conforme imagem acima, foi exposta por Feliciano Pinheiro de Bittencourt<sup>25</sup>. A conferência se constitui como um evento sócio-discursivo de recorte da realidade, produzido num determinado contexto e por ele influenciado, mas também responsável pela configuração desse contexto. Ela consta do volume 9 da revista homônima “Conferencias Populares”, publicada em 1876.

Uma das razões de escolhermos a conferência sobre o positivismo se justifica pelo fato de o tema dessa conferência constituir um assunto de extrema relevância tanto para o projeto da atividade das “Conferências Populares da Glória”, quanto para a concepção e ciência desse período. Temos esse tema perpassando a maioria das conferências ocorridas no século XIX, já que a divulgação do conhecimento científico era embasada numa concepção positivista de fazer ciência. Ou seja, trata-se de uma corrente fortemente influenciadora do fazer científico do século XIX.

Augusto Comte (1798–1857), considerado o fundador do positivismo, defendia que as ciências humanas deveriam abandonar definitivamente os aspectos teológicos e metafísicos para aderir aos mesmos métodos científicos, utilizados nas ciências físicas e na biologia (com a finalidade de compreender as relações existentes entre os indivíduos e os acontecimentos sociais).

Assim, iniciamos a análise desse evento discursivo, anunciando de partida como está estruturado o projeto discursivo-arquitetônico. Estamos diante de um enunciado que tem como propósito expor um tema de extrema importância, mas, ao mesmo tempo, questionar a validade ou a legitimidade de certos pressupostos da teoria darwinista. Nesse projeto, percebemos que toda a construção arquitetônica está baseada num jogo de forças que confrontam duas concepções de ciência: de um lado, um ponto de vista positivista, respaldado nos pressupostos da observação e experimentação, o chamado método objetivo, que é o tema central da conferência; do outro, uma concepção de ciência voltada à abstração, à generalização. Essas duas forças são colocadas em embate constante, pa-

---

<sup>24</sup> BITTENCOURT, Feliciano Pinheiro. In: *Conferencias Populares*, v. 9, 1876.

<sup>25</sup> Feliciano Pinheiro Bittencourt possuía formação em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, e atuava como professor do Liceu de Artes e Ofícios. No Colégio D. Pedro II, foi professor de história e corografia, após 1882. Sua participação nas preleções na Tribuna da Glória se deu na abordagem dos mais variados temas, a exemplo de medicina, antropologia, história, evolucionismo, higiene, entre outros.

ra sustentar um ponto de vista do sujeito autor que apresenta claramente sua tese sobre a necessidade de não se tomar uma postura extremista, exclusivista. Muitas vezes não explicitada verbalmente, mas apreensível através de outros elementos constituintes da engrenagem discursiva da conferência.

O autor apresenta seu tema e delimita o aspecto de sua abordagem: “pretendo sómente ocupar-me hoje do positivismo sob o ponto de vista filosófico, político e religioso [*sic*]” (BITTENCOURT, 1876, p. 52). E assim, fica formal e materialmente claro que o desejo do autor é informar e desmitificar certas crenças do público sobre a teoria objeto da exposição. Em seguida, como um projeto construído com a intenção de informar o público das “verdades do positivismo”, ele começa a desfazer a primeira ideia de ser Augusto Comte o fundador da teoria positivista e apresenta Turgot como o responsável por apresentar as concepções relativas dos fatos em detrimento das concepções absolutas. Assim afirma o autor:

Turgot, meus senhores, vulto saliente do reinado de Luiz XVI, e que tantos serviços prestou ao seu paiz, quer como habil politico, quer como notável estadista, quer como escritor de nomeada, muito antes que Augusto Comte, em numerosos artigos que escreveu para a *Encyclopedia moderna*, nos seus *discursos sobre os progressos do espirito humano*, que foram collecionados e publicados em Pariz em 1808, se esforçou sempre em substituir as concepções absolutas ou necessárias, as idéas abstractas do espirito, por noções simplesmente relativas, por factos ou fenômenos de ordem puramente physica, e consequentemente do *dominio exclusivo da experientia e da observação* [*sic*]. (BITTENCOURT, 1876, p. 53)<sup>26</sup>

Observamos aqui que um dos centros de valor já é posto: uma concepção que “precisa ser rebatida”, uma concepção absolutista de ciência. Em confronto a esse centro de valor, está o de concepção relativista das coisas. Esses dois centros são responsáveis discursivamente pela arquitetura desse projeto de dizer.

A partir daí, num tom que chamaremos de “desmascarador”, ou melhor, deflagrador, o autor traz à argumentação os mais variados autores que antecederam Comte, embora ele tenha sido o filósofo “que estabeleceu definitivamente o positivismo” (BITTENCOURT, 1876, p. 54). Com isso, ele assume a responsabilidade de discutir apenas suas ideias e mostra que Comte não tinha respaldo suficiente para fundar uma doutrina

---

<sup>26</sup> Os trechos da conferência apresentados na análise, bem como sua apresentação integral em anexo, obedeceu a uma transcrição fiel do texto original, respeitando o registro linguístico do seu autor.

na. Essa assertiva vem respaldada num argumento de autoridade de outrem, o discurso de Diderot, que afirma que Comte “escreveu bellas [sic] paginas, mas nunca soube fazer um livro.” Com essa fala, fica clara, mais uma vez, a posição de reprovação do expositor em relação à teoria de Comte.

Na argumentação, o conferencista mostra o perigo de se assumir uma teoria como única e de se tomar como “geral”, e então acaba atacando-a. E então argumenta que não há só um método, uma abordagem, até porque ele pode servir para tratar de uns aspectos e de outros não. E mostra como o positivismo e o materialismo têm aproximações e como são muitas vezes confundidos, já que há, por parte de ambos, uma supervalorização da observação e da experiência, mas que constituem nada menos que métodos analíticos e só servem para ser aplicados a alguns fatos ou fenômenos. Nesse momento, fica claro o sentido do argumento da generalização, postura atribuída ao positivismo e ao materialismo, correntes que se assemelham por ambos desejarem negar a metafísica:

Nada mais lamentável e pernicioso do que querer-se generalizar o methodo da experiencia e da observação!

Ninguém ousa negar, e insensato seria aquelle que pretendesse fazê-lo, a grande utilidade, a importância incontestável d’esse methodo para certa ordem dos conhecimentos; é elle indispensável ao progresso e á marcha ascendente das sciencias exatas; mas não se queira generalisal-o não se pretenda por meio d’elle suplantar o raciocinio, o methodometaphysico, ou subjectivo [sic]. (BITTENCOURT, 1876, p. 56)

No projeto discursivo do orador, ainda há a intenção de mostrar as “fraquezas e contradições da corrente positivista. Isso fica perceptível no momento em que ele coloca em questão o fato de os positivistas afirmarem: “Nada temos que ver com as idéas abstratas do espirito, com as concepções necessarias e absolutas, uma vez que ellas não podem ser trazidas no campo da experienciae da observação, além do qual não nos é licito passar! [sic]” (BITTENCOURT, 1876, p. 56), então se forem questionados sobre a ideia de Deus, o orador afirma que pairará a dúvida e a incerteza, premissas inaceitáveis para o fazer científico, pois

[...] Se fossemos a permanecer na duvida a respeito de todas as questões serias e importantes, qual seria o resultado? A sciencia não daria um passo, nenhuma descoberta notavel se effectuaria, o progresso desapareceria como que por encanto [sic]. (BITTENCOURT, 1876, p. 57)

E assim, a partir da constatação feita pelo autor das contradições da teoria positivista, ele se posiciona axiologicamente afirmando que a filosofia positiva traduz apenas “dúvida” e “vacilação”.

Ainda mostrando as contradições da teoria positivista, o diálogo agora se dá com a esfera religiosa, quando expõe a posição de Comte em relação ao cristianismo. Uma vez que a teoria positivista não aceita a ideia de causa, como então conceber a ideia de Deus? Embora Comte afirmasse que Deus é a humanidade, o propósito do autor de questionar se “as verdades de Comte” vão em direção a explicitar que, como já está colocado que há uma origem para tudo, e essa origem no âmbito das religiões é Deus, como conceber a ideia de Deus como causa e consequência?

E novamente num tom axiológico de reprovação à teoria positivista, no geral, e a Comte especificamente, nas seguintes palavras, respectivamente: “... logo o homem, assim como todas as cousas, tiveram um ente superior que os formou, uma causa absoluta e necessária que lhes deu origem, em que peze aos positivistas *obsecados pelo erro e pelo desvario*” (grifos meus) e “E pois, senhores, se Comte nada fez como *philosopho*, muito menos produziu no terreno da *religião*” (BITTENCOURT, 1876, p. 60 – grifos do autor).

Todo esse jogo de forças e confronto de pontos de vista perceptíveis na construção discursiva desse enunciado configuram sua arquitetônica, uma arquitetônica baseada na desconstrução, na demonstração das controvérsias, na exposição das contradições de um filósofo e de uma teoria com tão grande destaque na ciência do século XIX.

##### **5. Fios dialógicos na teia enunciativa da conferência “O Positivismo”**

Em virtude dos limites da extensão deste artigo, limitar-nos-emos a sinalizar, de forma objetiva, elementos que consideramos essenciais e que também estão no evento discursivo desse enunciado, apresentando-se, portanto, como elementos sustentadores da arquitetônica da conferência, em sua singularidade.

1. A **interação**. Esta constitui elemento central na arquitetônica da conferência. Considerando que, para Volóchinov (2018 [1929]), o fenômeno social da interação é a realidade fundamental da linguagem, estamos diante de um evento discursivo que legitima essa assertiva: um projeto de dizer que parte de um sujeito para outro sujeito sob o prisma do dialogismo. E a interação entre orador e público é constante, ou seja, o interlocutor é elemento essencial dessa construção. É a partir do conhecimento do seu destinatário que o texto é construído e enunciado.

Mas vós compreendeis perfeitamente, e isto é de simples intuição, que se Augusto Comte havia feito *sómente* quatro lições sobre o seu *novo methodophilosophico*, cahindo logo em estado de *alienação mental*, chegando mesmo a ser *louco furioso*, nunca mais pôde d'ahi em diante raciocinar de modo logico e concludente, nunca mais pôde escrever cousa alguma boa [sic]. (BITTENCOURT, 1876, p. 55) (grifos do autor)

2. O **discurso de outrem**. Pensadores do Círculo entendem a linguagem como resultante do processo interacional entre sujeitos sócio-históricos situados. Todo novo enunciado resultada da relação dialógica com outros enunciados: com eles estabelece relação de concordância, discordância, complementaridade, etc. Ele responde a enunciados anteriores e se relaciona a enunciados posteriores. Além de ser um enunciado perpassado por outros enunciados, no enunciado concreto objeto de nossa análise, observamos o discurso de outrem assumindo, muitas vezes a função de discurso de autoridade, num movimento discursivo em que a palavra alheia assume um status privilegiado no fio dialógico, como podemos observar no trecho a seguir:

De sorte que a respeito de Comte, como philosopho, pôde-se dizer o que disse um notavel escritor francez, tratando de Diderot: “Escreveu bellas paginas, mas nunca soube fazer um livro!” [sic] (BITTENCOURT, 1876, p. 55)

3. As **relações dialógicas**. Referindo-se às relações entre índices sociais e de valores linguístico e semânticos que caracterizam o enunciado concreto, as relações dialógicas entre enunciados carregam em si marcas da unicidade do ser e do evento discurso único e singular, a relação com a alteridade (marcado pela tríade eu-para-o-outro, o-outro-para-mim e eu-para-mim (Cf. BAKHTIN, 2010 [1920-24]) e a dimensão axiológico-semântica. Assim, a seguir vislumbramos como o enunciado da conferência sobre o Positivismo estabelece relação semântico-axiológica com enunciado de outra esfera, a exemplo da esfera religiosa:

O monotheismo catholico, que já excedeu os limites do seu papel, que tem sobrevivido á sua irrepravel ruina, pôde já expirar, restando-lhe , entretanto, a gloria de haver escutado a humanidade...

Ao christianismo o merito de dizer pela boca de S. Paulo: “AMAI AO PROXIMO COMO A VÓS MESMOS” [sic] (BITTENCOURT, 1876, p. 59) (grifo do autor)

4. O **tom emotivo-volitivo**. Em sua obra filosófica para uma filosofia do ato, Bakhtin demonstra que tudo que é experimentado pelos sujeitos num ser-existir possui um “emotivo-volitivo” (Cf. BAKHTIN, 2010 [1920–1924], p. 86). Assim, não dá para desvincular o agir–

dizer de um sujeito de seus valores e tons axiológicos. No mundo da vida e da cultura (mas também da arte e da ciência), a participação singular dos sujeitos traz marcas de suas cosmovisões influenciadas pelas marcas das diferentes esferas ideológicas das quais faz parte. Assim, observemos na passagem seguinte, como o tom emotivo-volitivo é marcado discursivamente pelo autor, por meio dos recursos linguístico-gramaticais que demonstram seu posicionamento singular sobre um determinado conteúdo temático:

Limite-me, portanto, a protestar contra tão leviana, quão banal acusação (BITTENCOURT, 1876, p. 62).

5. A **posição axiológica** do autor. Para Bakhtin, a axiologia constitui um fundamento importante quando da elaboração de seu projeto da *prima filosofia*, constante em Para uma filosofia do ato responsável (BAKHTIN, 2010 [1920–1924]). É, pois, na relação, que temos a constituição do ser–existir, e ser–estar no mundo não é possível sem o sujeito se posicionar axiologicamente, através de seus valores, crenças, juízos. Ao enunciar, ao posicionar-se, os sujeitos sócio-históricos assinam sua responsividade/responsabilidade, isto é, não há álbi para a existência (BAKHTIN, 2010 [1920–1924]). Vemos, pois, a seguir, como é refletido e refratado o posicionamento crítico do sujeito-autor em relação ao tema de seu projeto discursivo, acompanhado de um juízo de valor:

O que se deve admitir é, sem duvida, o *meio termo*.

Faça-se uma justa distribuição: aquilo que pertencer á experiencia e á observação conceda-se-lhe; o que pertender ao raciocinio, á metaphysica seja respeitado.

O que não fôr isto é a confusão, com todo o seu cortejo de funestas consequencias [*sic*]. (BITTENCOURT, 1876, p. 58)

## 6. *Considerações finais*

O objeto de dizer das conferências, traduzido na importância de se divulgar o conhecimento científico para instrução do povo, com vistas a construir uma nação desenvolvida, é atravessado sempre por um confronto de valores sobre ciência, às vezes antagônicos, outras vezes complementares, mas sempre dialógicos, externando diferentes prismas sobre o debate do que é ciência, do que é fazer ciência, do para que e para quem fazer ciência, e a importância de a sociedade tomar conhecimento desses assuntos.

Assim, pensando as conferências como um todo, com base no seu projeto político-ideológico, e nessa conferência analisada em particular, afirmamos que as regularidades apresentadas ao longo do projeto resultam de sua indexação sócio-histórica. É um posicionamento sócio-historicamente marcado por sujeitos num dado contexto social.

Por fim, afirmamos que a arquitetônica das “Conferências Populares da Glória”, dentro do contexto da cultura científica do Brasil Oitocentista, se encaixa perfeitamente na concepção de Bakhtin sobre o pensamento científico que, longe de ser exclusivamente teórico e autárquico, valida sua “verdade” sem abrir mão de seu valor moral, que só é possível através do ato responsável, num mundo que para o autor é constituído na dimensão da alteridade.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010 [1920–1924].

\_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. de Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002 [1963].

BEDIN, Véronique. Vulgarisation scientifique dans l’édition française contemporaine. In: BENSUADE-VINCENT, B.; RASMUSSEN, A. (Dir.). *La Science populaire dans l’apresse et l’édition XIX<sup>e</sup> siècles*. Paris: CNRS, 1997. p. 259-63

BITTENCOURT, Feliciano Pinheiro. *Conferencias Populares*, v. 9, Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. De J. Villeneuve & C. 1876.

BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

CAVALCANTE FILHO, Urbano. Relações dialógicas no discurso da divulgação científica brasileira oitocentista: um olhar sob o prisma da metalinguística bakhtiniana. *Línguas & Letras*, [S.l.], v. 16, n. 34, 2015. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/11971>.

CONFERÊNCIAS POPULARES. Vol. 9, Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. De J. Villeneuve & C.1876.

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. *Divulgação científica: linguagens, esferas e gêneros*. Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo-SP, 2013. 332 p.

ROSA, Carlos Augusto de Proença. *História da ciência: o pensamento científico e a ciência no século XIX*. 2. ed. Brasília: FUNAG, 2012. V. II, Tomo II. p. 28.

SCHWARCZ, Lilian Moritz. *As barbas do Imperador: D Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 2. ed. Trad. de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2018 [1929].

## ANEXO

### O POSITIVISMO

196ª CONFERÊNCIA EM 10 DE SETEMBRO DE 1876

Por Feliciano Pinheiro Bittencourt

(Estudante da Faculdade de Medicina)

Minhas senhoras, meus senhores – Cabe-me pela segunda vez a honra de saber a esta tribuna, ocupada ainda domingo passado com tanto brilhantismo, pelo distinto orador que aqui tratou Kosciusko, referindo de modo eloquente, e em linguagem clara e precisa, os múltiplos e interessantes episódios da longa e laboriosa vida do illustre patriota polaco.

Certamente que, se eu não contasse de ante mão com a vossa generosidade e benevolencia não viria fallar-vos hoje, quando ainda resoão aos ouvidos de muitos dentre vós as phrases harmoniosas e eloquentes, a palavra facil e sympathica com que o illustrado advogado conseguiu tão gratamente captar a attenção de todos, quantos tiverão a fortuna de ouvir-o no ultimo domingo.

<?>, porém que vencendo o acanhamento proprio, por lo de parte todas as difficuldades com que têm de lutar aquelles que chegão até aqui, procure dizer-vos alguma couza a respeito da these, que tive a honra da annunciar-vos; e ficai certos de que, o que vos vou dizer, é apenas o fructo da leitura e do estudo, que desde algum tempo faço sobre a materia.

Devo desde já, porém, prevenir-vos de que não venho com a louca pretensão de discutir ampla e desenvolvidamente todos os pontos da *doutrina positivista*, o que me seria difficilimo e impossivel mesmo fazer em uma serie de conferencias, quanto mais em uma unica.

Demais eu nada tenho que ver com a parte em que a *escola positivista* se occupa das scienciasphyncas e mathematicas, pois que para que pudesse entrar em taes questões seria mister procurar primeiro aprofundar-me n'esses ramos tão vastos, quão difficeis, da grande arvore dos conhecimentos humanos.

E pois, pretendo sómente occupar-me hoje do positivismo sob o ponto de vista philosophic, politico e religioso.

Segundo nos diz a historia da philosophia positiva, meus senhores, os primeiros homens que conceberão a arrojada idéa de refundir a sociedade, formarem como que uma nova organisação social, sob o triplice ponto de vista indicado, forão Turgot, Condorcet e Saint-Simon em França, e Kant na Allemanha. Forão estes os predecessores de Augusto Com-

te n'essa tentativa, sem duvida herculea, mas ao mesmo tempo sem a menor justificação perante a logica, a razão e o direito!

Nada ha mais facil, senhores, do que tentar-se por cegueira, por obstinação, ou por qualquer outro móvel injustificavel, destruir aquillo que já existe, aquillo que já se acha sancionado pelo testemunho das edades e gerações, não sendo necessario para isso mais do que alguma audácia, certo desembaraço, geito, e especulação! A questão, porém está justamente em substituir-se o que se destrói ou tenta destruir; a máxima dificuldade não está, certamente, em derrubar, mas em edificar solidamente.

Esses sonhadores de todos tempos, esses espiritos ardentes e insoffridos, que não querem manter-se dentro da orbita dos conhecimentos humanos, confundindo o increado com o creado, a causa com efeito, o relativo com o absoluto; que tudo desejão ver e apalpar, pygmeus que querem ser gigantes, cahem infalivelmente no profundo e insondavel barathro da extravagancia e do absurdo ou então, o que é mais para lamentar-se, vão engrossar a miserima e triste phalange dos entes inúteis para a sociedade, d'aquelles que, tendo perdido a luz brilhante da razão, vivem não vivendo!...

Turgot, meus senhores, vulto saliente do reinado de Luiz XVI, e que tantos serviços prestou ao seu paiz, quer com habil político, quer como notavel estadista, quer como escriptor de nomeada, muito antes que Augusto Comte, em numerosos artigos que escreveu para a *Encyclopedia moderna*, nos seus discursos sobre os progressos do espirito humano, que foram colleccionados e publicados em Pariz em 1808, se esforçou sempre em substituir as concepções absolutas ou necessarias, as idéas abstractas do espirito, por noções simplesmente relativas, por fatos, phenomenos de ordem puramente physica, e consequentemente do dominio exclusivo da experiencia e da observação.

E apesar de procurar A. Comte encobrir esta verdade, apesar de faltar elle ao seu dever, não mencionando a Turgot como seu predecessor, E. Littré encarregou-se de fazê-lo, em sua obra intitulada "*Augusto Comte e a filosofia positiva*".

Littré diz que foi Comte quem fundou definitivamente a filosofia positiva, mas que não se pôde dizer que lhe pertence a iniciativa, triste gloria que cabe incontestavelmente, como já vos disse, a Turgot, Condorcet, Kant e Saint-Simon, mestre de Comte, que, seja dito de passagem, "mais tarde foi-lhe bastante ingrato... Sendo certo, porém, que foi A. Comte quem estabeleceu definitivamente o positivismo, só d'elle nos occuparemos, deixando de parte os seus precederes, que, se sobressahirão pela intelligencia e capacidade em relação a outros assumptos, não souberão infelizmente aplicar taes dotes ao estudo da sciencia das sciencias, ao estudo da philosophia.

Foi em 1826, senhores, que o *novo reformador social* começou a divulgar a sua doutrina, pretendendo espalhar-la a todo o transe por entre os seus compatriotas. Vejamos, porém, qual o maravilhoso successo que ele obteve.

Littré, que não pôde ser taxado de suspeito, pois que é positivista de convicções arraxgadas, discipulo de Comte, e seu admirador, diz que o visionário philosopho fizera APENAS QUATRO LIÇÕES sobre o seu *novo methodo philosophico*, quando foi logo victima de uma terrivel enfermidade, quando foi atacado por essa negra entidade do quadro nosologico, que vós todos conheceis, e que se denomina – alienação mental!

Em relação ás causas, meus senhores, que levarão Augusto Comte a um tão deplorável estado, os autores não são concordes. Assim, alguns querem attribuir o facto ás constantes dissensões domesticas porque passava o illustre mathematico; outros pretendem explical-o, appellando para a debilidade do estomago de Comte, que não podia fazer as digestões, obrigando-o a permanecer acordado durante noites inteiras; finalmente outros, e a nosso ver com toda a razão, procurão a causa da alienação do chefe positivista no estudo de perturbação constante, na superexcitação do cérebro de um homem, que concebia planos que tanto tinham de grandes como absurdos, de extraordinarios como de inconcebiveis, de admiraveis como de extravagantes!...

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Elle queria refundir o mundo, derribar tudo quanto já existia fundado sobre solidos alicerces, acabar com as gloriosas tradições philosophicas do passado e sobre esse montão de ruínas fazer florescer a sua *nova e pretensa doutrina positiva!*

Mas vós comprehendéis perfeitamente, e isto é de simples intuição, que se Augusto Comte havia feito sómente quatro lições sobre o seu novo método philosophico, cahindo logo em estado de alienação mental, chegando mesmo a ser louco furioso, nunca mais pôde d'hai em diante racionar de modo logico e concludente, nunca mais pôde escrever coisa alguma boa. E é por isso que eu noto, senhores, que todos os escriptos do inculcado philosopho sentem-se de grande falta de conexão, de nenhuma estabilidade, deixando entrever unicamente planos visionários e irrealizáveis, proprios mesmo de uma cabeça que já não podia fazer imperar a razão sobre o excitamento das paixões!...

De sorte que a respeito de Comte, como philosopho, pôde-se dizer o que disse um notavel escritor francez, tratando de Diderot: “Escreveu bellas paginas, mas nunca soube fazer um livro!”

Feitas essas considerações, que julguei dever apresentar-vos, vejamos quaes os fundamentos do positivismo, e como o definem aquelles que o adoptão, que o considerão como a ultima palavra da sciencia.

O positivismo, dizem os chefes da seita, é o conjunto, é a somma do saber humano, e basêa-se, funda-se exclusivamente na experiência e na observação.

O dogma fundamental da filosofia positiva, diz A. Comte, é que “além da esfera da experiencia e da observação é tão illusorio afirmar como negar!”

Ora, meus senhores, se isto fosse exacto, se o homem se visse na dura contingencia de não poder racionar senão sobre aquillo que vê e observa, de não poder elevar-se ás idéas sublimes e grandiosas, ás concepções abstractas do espirito, qual o seu papel, a que condição ficaria reduzido, como ente racional e livre?!

Nada ha mais lamentavel e pernicioso do que querer-se generalisar o methodo da experiência e da observação!

Ninguem ousa negar, e insensato seria aquelle que pretendesse fazê-lo, a grande utilidade, a importância incostentavel d'esse methodo para certa ordem de conhecimentos; é elle indispensavel ao progresso e á marcha ascendente das sciencias exactas; mas não se queira generalisal-o, não se pretenda por meio d'elle suplantar o raciocinio, o methodometaphysico, ou subjectivo.

Rigorosamente falando não se pôde dizer, senhores, que há escola de observação, ou experiencia; a observação e a experiencia constituem apenas um methodoanalytico muito importante, mas só applicavel a certa ordem factos ou phenomenos.

Mas é justamente n'este ponto, no facto de querer-se negar á metaphysica os fóros de sciencia, que o positivismo e o materialismo muito se assemelhão, tanto que alguns considerão erroneamente como identicos os doussystemas.

Entre elles há, além de outras, a seguinte diferença: os materialistas, advogando a mais absurda das causas que é possível imaginar-se, propagando por principios os mais exatragantes, são ao menos lógicos, francos, leaes e concludentes! Porque eles dizem: “Nós não admittimos de modo algum as idéas necessarias ou absolutas; tudo provém da materia, é ella a causa, a origem de todas as coisas.” Os positivistas, pelo contrario, afastando-se de todas as regras da lealdade, da franqueza e da coragem, limitão-se a dizer: “Nada temos que ver com as idéas abstratas do espirito, com as concepções necessarias e absolutas, uma vez que ellas não podem ser trazidas ao campo da experiencia e da observação, além do qual não nos é licito passar!” De sorte que se interrogardes a um positivista a respeito da idéa de Deus, da alma humana, sua existencia, e immortalidade; em uma palavra a respeito das idéas necessarias, não será outra a sua resposta, nem affirmará, nem negará!...

Ora, senhores, não é, certamente permanecendo-se em uma duvida perenne que hade convencer a outrem! Argumente-se, estabeleça-se as premissas, e chegue-se com coragem e

franqueza ás suas ultimas e legítimas consequências! A duvida , a vacillação e a incerteza, só assentão nos espiritos fracos, tibios e irresolutos...

Se fossemos a permanecer na duvida, a respeito de todas as questões sérias e importantes, qual seria o resultado? A sciencia não daria um passo, nenhuma descoberta notavel se effectuaria, o progresso desapareceria como que por encanto!

Sendo assim, parece que a philosophia positiva, e as demais doutrinas de Comte, em vez de constituírem o conjunto da sabedoria humana, só traduzem a duvida e a vacillação!!....

Essas pretendidas phases porque tem passado a humanidade, phasetheologica, metaphysica e positiva, que é actual segundo dizem, só existem, ou poderão existir no cérebro d'aquelles que o tiverem semelhante ao de Augusto Comte!

Que estes tres estados ou phasestenhão sempre existido conjunctamente ninguem contesta, e não repugna admitir-se; mas querer-se faer a humanidade passar gradualmente por esses períodos, é o que não tem razão de ser.

Desde que o universo constituiu que há factos ou fenômenos de ordem physica, que só podem ser estudados e demonstrados pela experiencia e pela observação; e de outros há, de ordem psychologica, moral ou metaphysica , que escapão inteiramente á alçada de semelhante methodo pertencendo exclusivamente ao raciocinio.

Como é, pois, que ousa-se affirmar que um tempo houve em que a theologia explicava tudo; outra época em que só reinou a methaphisica; e outra, finalmente, a actual em que só ha positivismo?!...

Estes extremos são deploraveis, inconcebiveis mesmo!...

O que se deve admitir é , sem duvida, o meio termo.

Faça-se uma justa distribuição: aquillo que pertencer á experiencia e á observação conceda-se-lhe; o que pertencer ao raciocinio, á metaphysica seja respeitado.

O que não fôr isto é a confusão, com todo o cortejo de funestas consequências.

É, senhores, uma verdade universal, um axioma philosophico, que “não há efeito sem causa.”

Pois bem, os positivistas, não podendo negar esta verdade, têm procurado todavia sophismal-a, desvirtuando-a.

Eis como elles se exprimem: “Estamos hoje emancipados do jugo metaphysico que nos fazia ver uma causa, onde vemos um efeito; a questão n'este cado reduz-se a um simples facto de experiencia: tal antecedente é seguido sempre de tal consequente, quando experimentamos nas mesmas condições; de sorte que, depois d'isto, as idéas de causa e effeito tornão-se pueris!”

Mas, perguntaremos nós agora, esse antecedente em que fallão os positivistas a que corresponde? Não será á causa? E o consequente, não será o effeito? Logo é uma questiuncula pequenina, simplesmente de palavras. Chame-se causa e effeito, antecedente e consequente, a idéa não muda é sempre a mesma...

Mas compreende-se facilmente, meus senhores, a razão por que Comte e seus discípulos não querem admitir francamente a idéa de causa. Se elles o fizessem, terião de admitir logica, forçosamente todas as demais idéas necessárias, terião de admitir a idéa de Deus, causa absoluta de todas as cousas. Isto, porém, é vedado aos positivistas, uma vez que taes idéas não podem passar pelo cadinho da experiencia e da observação, e pois elles preferem ficar em uma posição equivooca, falsa e duvidosa!... Triste recurso!

Se considerarmos agora o systema de Comte sob o ponto de vista religioso, veremos que as extravagancias, os erros e inconseqüências são ainda mais palpáveis e visíveis!...

Entre outras cousas elle diz o seguinte, e seus discípulos reparam: “O monotheismo catholico, que já excedeu os limites do seu papel, que tem sobrevivido á sua irreparavel ruina, póde já expirar, restando-lhe entretanto, a gloria de haver escudado a humanidade por espaço de quatorze séculos. A elle a honra de nos ter ensinado a colocar a moral acima da

olítica e o dever acima do direito; a nós, os positivistas a tarefa de lançarmos os fundamentos da futura sociabilidade humana; a nós a missão de não oferecer por prospecto às aspirações do homem senão um alvo puramente humano!

Ao cristianismo o merito de dizer pela boca de S Paulo: “AMAI AO PROXIMO COMO A VÓS MESMOS.” A Comte o preceito: “AMAI AO PROXIMO MAIS DO QUE A VÓS MESMOS!”

Ora, meus senhores, basta enunciar taes preceitos, apregoados por Comte e seus discipulos, para vêr-se claramente a sua nenhuma importância, para inferir-se logo do seu nenhum valor!

E elles ainda acrescentão: “O nosso Deus é a humanidade; a providencia que admittimos é puramente humana, nada de divina!”

Se abriremos a historia veremos que desde a mais remota antiguidade nunca houve seita, grupo algum de homens, que tentasse fundar ou estabelecer uma religião, que não concebesse logo a idéa de um Deus, de um ente superior; a idéa de Deus é indispensável, é condição, sinequa non, para que uma religião se estabeleça, para que haja uma crença, mais ou menos firme.

Pois bem, A Comte, não podendo demonstrar positivamente a idéa de Deus, e por consequência não podendo admittir-a, diz que “o seu Deus é a humanidade, a sua crença puramente humana, as suas esperanças simplesmente terrenas!”

De sorte que pôde-se dizer , sem receio de séria contestação, que a religião de Comte é cousa nenhuma, está longe de equiparar-se mesmo ás mais grosseiras seitas que se fundarão nos primitivos tepos da humanidade!...

O que quer dizer , com effeito, admittir-se como Deus a humanidade! O que quer dizer um Deus humano?! Como conceber-se que o homem seja causa e origem de todas as cousas, e principio, origem de si mesmo? Para que o homem pudesse dar-se principio, forma-se a si proprio, seria mister que existisse e não existisse ao mesmo tempo, um absurdo! Seria necessário que existisse para poder dar existência, e que não existisse para poder recebê-la!

Ora, uma pcousa não pôde existir e deixar de existir ao mesmo tempo; logo o homem , assim como todas as cousas, tiveram um ente superior que os formou, uma causa absoluta e necessária que lhes deu origem, em que peze aos positivistas obsecados pelo erro e pelo desvario.

E pois, senhores, se Comte nada fez como philosopho, muito menos produziu no terreno da religião.

Em politica o tresloucado reformador fez um amalgam, tal, uma vonfusão tal, que é difficil, senão impossivel, comprehender-se o que pretende elle estabelecer e firmar, quaes os principios que adopta!

No seu tratado de philosophia positiva Augusto Comte seguiu sempre o methodo objectivo, fundado na experiencia e na observação; pois bem, no seu “systema de politica positiva” abandonou, coma maior contradicção, esse methodo, para adoptar o subjectivo ou metaphysico, que elle até então repellira!...

E a única razão que deu para explicar essa transição, essa mudança inesperada, foi que o “methodo subjectivo, com os progressos da scienia se tornara objetivo!”

Sendo assim, senhores, havendo essa confusão da methodos, Comte nada conclue, nada estabelece em seu systema de politica positiva.

Pode-se, portanto, dizer em conclusão que, se Augusto Comte prestou grandes serviços ás sciencias phisicas e mathematicas; se muito fez em prol das sciencias exactas, nenhum serviço prestou, cousa alguma produziu em relação á religião, á philosophia, e á politica.

Era o que eu pretendia demonstrar-vos do alto d’ esta tribuna.

Devo agora despedir-me de vós, mas não of arei sem tocar n’uma questão em que muito fallão os positivistas, querendo chamar a si a gloria de haverem sido os promeiro as tra-

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

zêl-a á tela da discussão, mostrando os seus inconvenientes e horrores; de haverem sido os primeiros a pretender riscar-a dos annaes da humanidade; quero referir-me á guerra.

Nada há de mais inexacto, digamos sem receio.

A guerra, meus senhores, esse recurso extremo a que chegão as nações, para desafronta de sua honra e dignidade, é geralmente estygmatizada, todos a detestão, todos querem que de uma vez para sempre ella desapareça, decidindo-se todas as questões internacionais por meio de agentes diplomáticos, que saibão comprehender os seus deveres, mostrando-se na altura da melindrosa missão que lhes é confiada.

Hoje que os povos têm dado agigantados passos na senda do progresso e da civilização; hoje que os sentimentos de religião e humanidade são apanágio das nações cultas; hoje em que já se sabe respeitar a justiça, a razão e o direito, a guerra deve acabar!

Não serão acaso sufficientes, não servirão de experiencia os horrores, os estragos, as devastações, o desespero e o luto, que em épocas e pontos diversos do globo tem ella causado?!

Pois o incêndio, pilhagem, a morte e a destruição, podem ter fustificação? Certamente que não.

Como pois ousão os positivistas attribuir a si o anathema da guerra? Em que se fundão para reclarem a iniciativa de sua abolição?...

Isto, porém, não deve admirar, porque em tudo o mais são sempre os mesmos os adeptos da seita...

Cumpre-me ainda, senhores, rebater, d'aqui uma accusação que seria gravíssima, se não fosse a mais infundada, que fazem os discípulos de Comte ao christianismo! Elles dizem que esta crença universal é actualmente o mais poderoso obstáculo contra a marhprogressiva das nações...

Ora, senhores, eu me dispenso de procurar mostrar-vos de uma maneira real e positiva os inúmeros beneficios, os immensos serviços que o christianismo tem prestado e continuará a prestar, á humanidade.

Bastar-me-hia recorrer a um único exemplo – a regeneração da mulher, que, graças aos principios d'essa crença sublime, occupa hoje o lugar de honra, que de direito lhe compete, como obra prima da criação...

Limite-me, portanto, a protestar contra tão leviana quão banal accusação.

Resta-me sómente agora, senhores, agradecer a attenção e a benevolência com que me ouvistes, e acreditai que o faço cheio do mais vivo reconhecimento. (*Aplausos do auditorio.*)